

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Livre
Volume 14, Número 2, maio-ago. de 2020
Submetido em: 29/09/2019
Aprovado em: 29/02/2020

Shun de Andrômeda e as correntes das masculinidades: gênero, jornalismo de cultura pop e construção de sentidos em redes digitais

Andromeda Shun and the chains of masculinity: Gender, pop culture journalism and meaning making in digital networks

Felipe Viero Kolinski MACHADO¹
Christian GONZATTI²

Resumo

Em dezembro de 2018 a Netflix divulgou um *trailer* antecipando aspectos do que seria seu *remake* da série Cavaleiros do Zodíaco. Ao explicitar a conversão de Shun (cavaleiro cuja performance de gênero distancia-se de uma masculinidade hegemônica) em Shaun, uma amazona, desenvolveu-se uma intensa disputa de sentidos, envolvendo desde fãs até portais noticiosos. Considera-se, aqui, que esse acontecimento revela diversos campos problemáticos, colocando em disputa noções de gênero e possibilidades (e impossibilidades) da existência de diversidade no cenário da cultura pop. Nesse artigo, a partir de texto crítico publicado no Omelete (principal portal jornalístico brasileiro voltado à cultura pop), busca-se perceber quais sentidos são mobilizados/constituídos por usuários de redes sociais (em especial Facebook) acerca de tais questões. Tendo como inspiração metodológica a análise de construção de sentidos em redes digitais, desenharam-se cinco constelações de sentido, as quais, a partir de distintos lugares, contribuíram para o estabelecimento de lugares permitidos/interditados sobre questões de gênero e de sexualidade no universo pop.

Palavras-chave: Cultura pop. Jornalismo. Gênero. Masculinidades. Redes Digitais.

¹ É Professor Adjunto A do Departamento de Jornalismo (DEJOR) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM UFOP). É Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Realizou estágio doutoral no exterior, com bolsa CAPES/PDSE, junto ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA/ISCTE-IUL), em Lisboa/Portugal. É Mestre em Ciências da Comunicação também pela UNISINOS. E-mail: felipeviero@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8051-126X.

² Doutorando e Mestre em Ciências da Comunicação, com ênfase em Processos Midiáticos, na linha de pesquisa de Linguagens e Práticas Jornalísticas pela Unisinos, com bolsa da CAPES. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, também pela Unisinos. Membro do LIC, Laboratório de Investigação do Cibercontencimento, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, desde 2012. E-mail: christiangonzatti@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7923-8614.

Abstract

In December 2018, Netflix released a trailer anticipating aspects of what would be its remake of the series Saint Seiya. When making explicit the conversion of Shun (a knight whose gender performance distances himself from a hegemonic masculinity) into Shaun, an Amazon, we found an intense dispute of meanings, involving fans and news outlets. Here, we consider that this incident reveals several problematic elements, challenging notions of gender and possibilities (and impossibilities) of the existence of diversity in the pop culture scene. Based on a critical text published by the Omelete (main Brazilian journalistic portal focused on pop culture), we seek to understand which senses are mobilized/constituted by social network users (especially Facebook) about such issues. Inspired by methodological approaches that draw from analyses of meaning making processes in digital networks, we presented five constellations of meaning. Having different starting points, such constellations contributed to the establishment of places that were considered allowed/closed in relation to issues of gender and sexuality in the pop culture universe.

Keywords: Pop Culture. Journalism. Gender. Masculinities. Digital Network.

Introdução

Saint Seiya (ou Os Cavaleiros do Zodíaco, como foi traduzido em português) consiste em um mangá japonês escrito e ilustrado por Masami Kurumada. Publicada originalmente, a partir de 1985, pela revista Weekly Shonen Jump, a história foi adaptada para a televisão, na forma de anime, pela Toei Animation, a partir de 1986. A série Cavaleiros do Zodíaco foi exibida entre 1994 e 1997 na extinta TV Manchete, gerando altos índices de audiência para a emissora e, ainda, desempenhando um importante papel no que se refere à consolidação da cultura pop japonesa no Brasil (PEREIRA, 2017). Em linhas gerais, o enredo aborda a saga de cinco guerreiros, portadores de armaduras de bronze, que possuem como missão proteger a humanidade. Uma das personagens centrais da trama, e mobilizadora das reverberações em rede que serão aqui analisadas, é o cavaleiro de bronze Shun, regido pela constelação de Andrômeda.

Na mitologia grega, Andrômeda era a filha do rei Cefeu e da rainha Cassiopeia. Cassiopeia, então, ao dizer que Andrômeda seria mais bela que as nereidas (ninfas do mar, filhas do deus marinho Nereu), teria provocado a ira de Poseidon (deus supremo do mar) fazendo com que, como castigo, para evitar a destruição completa do reino, Andrômeda precisasse ser oferecida em sacrifício a Ceto (monstro marinho). Amarrada por correntes a um rochedo, Andrômeda teria sido salva por Perseu, com o qual teria se

casado posteriormente³. No anime, Shun é um jovem cavaleiro de bronze. Ele é caucasiano, magro, delicado e distancia-se de índices caros a uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003). Com olhos verdes (e longos cabelos da mesma coloração), Shun destoa de seus companheiros pela sensibilidade e pela aversão à violência. Conforme destacam Wagner (2008) e Peret (2009), Shun é o mais belo e o mais sentimental dos cavaleiros, chora com frequência e vive a contradição de ser um guerreiro que não gosta de lutar. Treinado na Ilha de Andrômeda, para conquistar sua armadura, Shun é igualmente acorrentado a um rochedo no mar e, para libertar-se, ao invés da força física, recorre ao amor fraterno que sente por seu irmão mais velho (o cavaleiro de bronze Ikki, também em treinamento em outra ilha). A armadura de Shun tem a cor rosa e possui duas correntes que, quando acionadas em conjunto, garantem um perfeito equilíbrio entre a defesa e o ataque.

Em novembro de 2018, a Netflix⁴ divulgou que produziria um *remake* de Cavaleiros do Zodíaco, com lançamento previsto para o segundo semestre de 2019. Em dezembro de 2018, ao tornar público o primeiro *trailer* do anime⁵, a empresa viu-se enredada em uma polêmica, envolvendo portais noticiosos, fãs e usuários de sites de redes sociais, ao explicitar que, nessa nova versão da saga, Shun tornar-se-ia Shaun, deixando de ser um cavaleiro e passando a ser uma amazona.

Como premissa, consideramos que a conversão de Shun (o cavaleiro que menos seria identificado com uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003)) em Shaun diz de uma dinâmica ampla que abarca o caráter performativo do gênero (BUTLER, 2012) e que inscreve os corpos e as vidas em uma lógica heteronormativa (WARNER, 1991). Isto posto, em nossos movimentos de análise, voltamos nossa atenção ao texto *Saint Seiya: Os Cavaleiros do Zodíaco e a polêmica mudança de gênero de Shun*, publicado em 17 de dezembro de 2018 pelo Omelete (o maior site jornalístico de cultura

³ Uma das versões mais conhecidas acerca do mito de Andrômeda é advinda da tragédia de Eurípidés, encenada pela primeira vez em 412 a.C. Para mais informações acerca da trama, ver Crepaldi (2016).

⁴ Surgida em 1997, nos Estados Unidos, como um serviço de aluguel de filmes, a *Netflix* migrou para uma plataforma online, alugando e vendendo DVDs, em 1998 e, a partir de 2007, concentrou-se no modelo de *streaming*, ou seja, em uma forma de distribuição de arquivos e de dados online, sem que esses precisem ser armazenados pelos usuários. Atualmente a empresa, que está presente em mais de 190 países e que conta com mais de 120 milhões de assinantes, também desenvolve produções originais, como é o caso do *remake* de Cavaleiros do Zodíaco (NETFLIX, s/d).

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oa7sVeYkrKA>. Acesso em: 09 set. 2019.

pop do país) e, a partir dele, desenvolvemos um mapeamento das constelações de sentido (HENN, 2014) que então emergiram nas redes digitais do veículo, tendo como problema: o que o jornalismo de cultura pop – aqui, representado pelo Omelete – discute sobre o caso e quais os sentidos que são mobilizados sobre questões de gênero/sexualidade e de identidade/diferença pelos públicos/fãs no contexto das redes digitais do veículo?

O caráter performativo do gênero e uma masculinidade ideal que ser quer ensinar

Ao definir que o gênero é performativo, Judith Butler (2012) postula que, para além de qualquer marcador de caráter fixo e estável, ele consiste em um contínuo fazer e em uma repetição que se dá no corpo, adquirindo, apenas ao longo do tempo, a aparência de uma naturalidade. Em uma lógica heteronormativa (WARNER, 1991) e patriarcal, constata-se a existência, então, de um sistema de gradação que relaciona o elemento positivo (e dominante) ao masculino (e ao que se refere à masculinidade) e o elemento negativo (e subordinado) ao feminino (e ao que se refere à feminilidade).

A masculinidade consiste em “um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser” (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 17). Raewyn Connell (2003), nesse mesmo sentido, lembra que a masculinidade corresponde a uma categoria ampla que diz de vidas e de práticas de gênero de sujeitos que são plurais. Ainda que, de fato, exista uma masculinidade hegemônica (não em um sentido estatístico, cabe mencionar) e ainda que muitos sujeitos (homens e mulheres) se reportem a ela em seus cotidianos, existem, também, aspectos como orientação sexual, nacionalidade, raça e classe social que estabelecem hierarquias e, mesmo entre homens, lugares de subordinação. Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) falam, ainda, em “geografia das configurações de masculinidade”. A proposta do conceito, então, seria compreender que as masculinidades podem ser analisadas em diferentes níveis: o local, que faria referência às interações face a face; o regional, que diria de uma masculinidade que se constrói no nível da cultura ou do estado-nação e, finalmente, o global, que se dá em arenas transnacionais e na mídia. É no escopo dessas reflexões que são percebidas as performances de gênero em Cavaleiros do Zodíaco. Ainda que se trate de uma produção japonesa e que, nesse sentido, as representações de gênero dialoguem muito fortemente com aspectos específicos da cultura oriental, índices de uma masculinidade

hegemônica/global (CONNELL, 2003; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) são acionados constantemente (WAGNER, 2008). A exaltação da força física, a valorização de um corpo musculoso e uma performance de gênero viril são elementos continuamente reiterados ao longo da narrativa – o que é feito, cabe destacar, tanto a partir de figuras que vivem sob tais marcadores (cavaleiros como Seiya de Pégaso e Shiryu de Dragão) quanto a partir de outras que os contestam mas, nem por isso, os enfraquecem (como Shun de Andrômeda e Afrodite de Peixes) (PERET, 2009; ALMEIDA; MACHADO, 2018).

Se ninguém nasce mulher, mas se torna, como já disse Simone de Beauvoir (1967), igualmente é razoável asseverar, como já disse Arnaud Baubérot (2013), que ninguém nasce homem, mas também se torna. Uma vez que as identidades masculinas e femininas são disputadas e conquistadas, faz-se necessário ensinar como tornar-se (e como manter-se) dentro das bordas que envolvem tais categorias. Ao nomear a carne, o discurso estabelece rotas, define limites e disponibiliza correntes que marcam e que amarram os sujeitos. O azul como uma cor masculina e o rosa como uma cor feminina não são, nem de longe, questões banais. E Shun, e sua armadura rosa de Andrômeda, são ilustrações precisas disso.

Ao falar em dispositivo pedagógico da mídia, Rosa Maria Bueno Fischer (2002) lembra que, para além do mostrar, a mídia e, mais especificamente, a televisão, ensinam. Como instâncias que se legitimam, ao passo que enquadram determinados reais (ao invés de outros) e repercutem trajetórias particulares (ao invés de outras), filmes, desenhos e séries operam como mapas, estabelecendo, para seus públicos, quais são as rotas esperadas e quais são os caminhos interditados. Se, dentre os protagonistas, apenas Shun é diferente, e se essa diferença não é valorizada, mas sim, continuamente, criticada pelos seus pares (ALMEIDA; MACHADO, 2018), será uma alternativa, para o telespectador, ser como ele? Poderá, francamente, um menino se sentir homenageado ao ser interpelado, na forma da injúria (ERIBON, 2008), por Shun? É tendo em vista tais questões que se sugere que Cavaleiros do Zodíaco se constitui em um – dentre vários outros – dispositivo discursivo das masculinidades (KOLINSKI MACHADO, 2018).

O jornalismo de cultura pop e a produção (e disputa) de sentidos em rede

O jornalismo de cultura pop⁶ é aqui compreendido como um campo jornalístico específico, que traz características ressignificadas do jornalismo cultural, voltando-se à produção de conteúdo, de notícias e de críticas de variados segmentos do pop (GONZATTI, 2017). Indo ao encontro das proposições de Marcia Veiga da Silva (2014), que constata que o jornalismo possui gênero, percebe-se uma cisão que aloca, em um extremo, o valorizado e o masculino (“jornalismo sério”, *hard news*) e em outro aquela produção noticiosa “menos relevante” e, em uma lógica patriarcal, feminina. É assim que a cobertura jornalística de cultura pop passa a ser vista como menor (BALLERINI, 2015) sendo, em especial quando envolve notícias sobre celebridades e/ou música pop, o feminino do feminino – uma produção “desviada”.

Os *fandoms* (grupos de fãs) possuem protagonismo nos processos de visibilidade e de apropriação da cultura pop, uma vez que suas forças criativas/disruptivas se constituem em práticas mobilizadoras de processos jornalísticos (JENKINS, 2015). Das revistas de nicho aos portais de internet – momento no qual fãs passam a desenvolver uma crítica e uma cobertura informativa independentes – postulamos que podem ser percebidas sete modalidades de cobertura jornalística pop no Brasil: (1) uma categoria mais geral, voltada à cobertura da cultura pop como um todo, e veículos que se dedicam especificamente aos nichos (2) da música pop, (3) das celebridades, (4) das telenovelas, (5) das séries e dos filmes, (6) do humor ou (7) do universo *geek/nerd/otaku*⁷ (resguardando-se a pluralidade de cada um desses contextos) (GONZATTI, 2017). Nesse

⁶ O pop inclui uma ampla gama de produções, envolvendo, por exemplo, livros, histórias em quadrinhos, séries de televisão, música e, até mesmo, celebridades. O universo simbólico deflagrado pela cultura pop, nesse sentido, é apropriado como uma forma de construção de identidades sociais que (às vezes) pode romper com as marcas identitárias mobilizadas pelas instituições tradicionais, tais como a família, a escola, a igreja e o trabalho. Sob essa perspectiva, então, o pop está relacionado às novidades que geram grande interesse e aos altos retornos financeiros daí advindos (VELASCO, 2010).

⁷ Dentro da cultura pop, *geek/nerd* é o termo utilizado para fãs de, principalmente, *games*, narrativas de ficção científica, fantasia, histórias em quadrinhos – especialmente as de super-heroínas/super-heróis (FERNANDES; RIOS, 2011). Já a expressão *otaku* é utilizada para as/os fãs da cultura pop japonesa, também chamada de J-Pop (VELASCO, 2010). Cavaleiros do Zodíaco, por exemplo, sempre obteve noticiabilidade jornalística pop – da revista Herói, publicada pela primeira vez em 1994, a sites como o Jovem Nerd, o Judão e o próprio Omelete, cujo texto é o propulsor das disputas de sentido aqui estudadas.

cenário, a modalidade *geek/nerd/otaku* vem sendo percebida como propulsora de sentidos, em suas redes digitais, que remetem ao ódio em relação às diferenças e marcada, diferentemente do que ocorre em relação à música e às celebridades, como uma produção noticiosa que valoriza signos do masculino, seja no contexto brasileiro ou estadunidense (BRAITHWAITE, 2016; TRAVANCAS, 2018).

Compreende-se, aqui, que as redes digitais são responsáveis por configurar a maneira como determinadas mensagens se espalham através de múltiplos espaços – que podem incluir distintos sites de redes sociais – caracterizando sentidos e conexões específicas em torno de si (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). Ao se mencionar, então, redes digitais instauradas por um veículo específico, está se fazendo referência a sua configuração através de espaços como o site, a página no Facebook e o perfil do Instagram, os quais revelam aspectos do jornalismo ali engendrado. Esses elementos são compreendidos como signos, carregados de sentidos, acionados por algum outro conteúdo (notícia, vídeo, crítica) (HENN, 2014) e produzidos por sujeitos comunicantes a partir da sua receptividade comunicativa (BONIN, 2016). Devido à potência acontecimental (QUÉRÉ, 2005)⁸ do caso envolvendo a mudança de gênero de Shun, diferentes instâncias do jornalismo de cultura pop produziram textos posicionando-se sobre o caso, expondo múltiplos campos problemáticos, tal qual será apontado a seguir.

Quando o cavaleiro da armadura cor de rosa é a pauta

A fim de perceber como o acontecimento em torno de Shun é operacionalizado pelo jornalismo de cultura pop, recorreremos à análise de construção de sentidos em redes digitais (HENN, 2014). Para Ronaldo Henn (2014), o método em questão envolve três etapas que se fazem necessárias para a análise de casos à luz de problemáticas e de teorias específicas: (1) um primeiro movimento, de caráter exploratório/cartográfico; (2) o agrupamento de constelações de sentidos (um segundo movimento, o qual visa a reunir os sentidos percebidos tendo em vista uma homogeneidade) e; 3) a elaboração de inferências sobre os signos mais representativos de cada agrupamento (um terceiro

⁸ Um acontecimento pode ser definido, a partir de Louis Quéré (2005, p. 60) como “um fenômeno de ordem hermenêutica: por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação”.

movimento que, a partir das constelações percebidas, aciona referências teóricas e políticas cabíveis para compreendê-las). Selecionamos, então, por meio de buscas em sites de redes sociais (em especial o Facebook), os veículos que se desdobraram criticamente sobre o caso, adotando como critérios relevantes a visibilidade (número de acessos no site e número de seguidores no Facebook) e o engajamento dos públicos com o conteúdo (curtidas, comentários, compartilhamentos). Chegamos, assim, aos textos publicados no Omelete⁹ (site jornalístico destinando à cultura pop de modo geral), no JBox¹⁰ (site informativo focado no universo *otaku*) e no Minas Nerds¹¹ (site ativista feminista que aborda a cultura *geek/nerd*). O *Omelete* foi escolhido tendo em vista os critérios supracitados.

De acordo com informações presentes em seu Media Kit (2013), o Omelete corresponde ao maior veículo online brasileiro dedicado ao segmento de cultura pop. Criado em 2000, por Érico Borgo, Marcelo Forlani e Marcelo Hessel (críticos de cinema e comunicadores), o site publica cerca de 40 matérias diárias, conta com correspondentes internacionais e recebe mais de 60 mil comentários mensais. Sobre o perfil do público, 64% concentra-se na região sudeste, 56% são homens e 65% tem idade entre 18 e 32 anos. Informações mais atualizadas, ainda, apontam que o número de visitantes no site, por mês, aproxima-se dos 7 milhões e que, na página do Facebook, são mais de 2 milhões de seguidores (MEIO E MENSAGEM, 2018). Embora paute notícias e produza críticas em torno de diversos aspectos da cultura pop, existe um maior vínculo com os *geeks/nerds* e, em especial, com histórias em quadrinhos e com filmes de super-heróis. Uma particularidade, então importante de se ressaltar, refere-se ao fato de que, diferentemente de portais mais focados na música pop e em celebridades, por exemplo, uma parte considerável dos comentários das/dos leitoras/leitores costumam ser balizados por discursos de ódio em relação às questões de gênero e de sexualidade (GONZATTI, 2017), o que, igualmente, justifica sua escolha em detrimento do JBox e do Minas Nerds.

O texto então selecionado (e a partir do qual se desenvolveu a análise), como já mencionado, foi *Saint Seiya: Os Cavaleiros do Zodíaco e a polêmica mudança de gênero*

⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/3fdwX7T>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

¹⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/2KYddra>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

¹¹ Disponível em: <<https://bit.ly/2zVIE4c>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

de *Shun*, escrito por Camila Sousa. De modo geral, a partir da contextualização da narrativa e da personagem em questão, estabelece-se uma crítica à conversão de Shun em Shaun e questionam-se os argumentos divulgados pelo roteirista do *remake*, Eugene Son¹², o qual justificou a mudança tendo em vista uma necessidade de ampliar a representatividade feminina na história. O texto, então, lembra que uma verdadeira representatividade poderia ser alcançada sem que para isso, necessariamente, Shun, historicamente estigmatizado em razão de sua performance pouco viril, precisasse se tornar uma amazona e, ainda, que o cavaleiro de Andrômeda, justamente em função de explicitar outra vivência de gênero, cumpria um importante papel (também de representatividade) no enredo. No site, o texto obteve 181 comentários. No Facebook, a publicação foi compartilhada no dia 20 de dezembro de 2018 com a legenda “O primeiro teaser da nova série do anime clássico mostra que personagem é agora uma mulher”¹³, gerando 414 comentários, 2,2 mil reações (1 mil curtidas, 943 irritados, 191 tristes, 72 risadas, 31 amei e 17 surpresas) e 105 compartilhamentos¹⁴.

Desde uma primeira mirada, as reações performatizadas pelos públicos do Omelete, percebidas via interação no Facebook, já revelam sentidos importantes. Embora predominem as curtidas (1 mil), a soma de 943 perfis que expressaram irritação/raiva (reação “grr”) e de 191 que reagiram com tristeza (*emoji*¹⁵ de tristeza), as quais, juntas, somaram 1.134 reações, sinalizam um descontentamento em relação à transformação de Shun em Shaun (percepção que se reforça mediante aprofundamento da análise). Tendo em vista os comentários feitos pelos usuários e, mediante acionamento de referenciais teóricos e políticos que dizem dos gêneros e das sexualidades (WARNER, 1991; BUTLER, 2012; CONNELL; 2003), foram percebidas cinco constelações de sentido, a saber: Contra a Mudança de Gênero, Terrorismo de Gênero, Protetores da Mudança de Gênero, Críticas ao Omelete e Humorísticos.

¹² É importante citar que após as discussões e a visibilidade do caso, Eugene Son excluiu seu Twitter: Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/12/apos-explicar-mudanca-de-sexo-de-personagem-roteirista-de-cavaleiros-exclui-o-twitter>>. Acesso em: 10 set. 2019.

¹³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/SiteOmelete/posts/10158685624038018>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

¹⁴ Informações coletadas em 09 jan. 2019.

¹⁵ *Emojis* são ícones digitais que expressam determinada emoção no contexto conversacional das plataformas digitais.

Antes de apresentá-las, contudo, algumas considerações são cabíveis. Faz-se necessário ressaltar, tal qual apontado por Henn (2014), que as constelações de sentido não são excludentes e, em muitos casos, estabelecem relações próximas (um mesmo comentário, por exemplo, pode ser incluído em mais de uma constelação). Apesar disso, contudo, considera-se que cada uma delas possui singularidades e engloba, predominantemente, sentidos particulares.

Da mesma maneira, aqui, ao invés de uma pesquisa quantitativa, interessa-nos realizar uma reflexão de caráter qualitativo tendo em vista os comentários produzidos por usuários/leitores e os sentidos então manifestos. Igualmente, tendo em vista o caráter transversal das constelações de sentidos (HENN, 2014), quantificá-las tornar-se-ia improdutivo, uma vez que um mesmo comentário, em alguns casos, poderia estar em mais de uma constelação.

Em *Contra a Mudança de Gênero*, constelação de sentido que se mostrou hegemônica¹⁶, há uma diversidade de posições que abarcam desde uma visão conservadora para se perceber o gênero e a sexualidade até uma defesa da visibilidade de outras possibilidades de se representar o masculino e o feminino (as quais, então, seriam sufocadas pela mudança). Ainda que tais posições sejam, de fato, antagônicas e que pareçam dificilmente aproximáveis, o que as reúne, nessa constelação, é a marcação de um lugar de oposição à transformação de Shun em Shaun. Sugestões de mudanças que poderiam ser mais representativas, argumentos sobre as problemáticas implicadas na mudança de gênero de Shun e críticas à geração “mimimi” e à “lacrção” (termos recorrentes que fazem referências aos grupos feministas, LGBTQs e de pessoas negras que reivindicam transformações na lógicas masculina, branca e heteronormativa da cultura pop) foram algumas delas. Alguns exemplos, então, são ilustrativos.

Eu comparo o Shun com o Kurama de Yu Yu Kakusho. Um tipo de personagem que une beleza e cortesia com força e determinação e, ao contrário do que pensam muitos, faz enorme sucesso com as meninas. O chamado “bishounen” que nada tem a ver com “afeminado” ou “maricas” (COMENTÁRIO 1).

¹⁶ Ainda que o foco do trabalho seja qualitativo e não quantitativo, considerou-se pertinente informar que as constelações *Contra a Mudança de Gênero* e *Terrorismo de Gênero* foram as que, ao longo da coleta, se mostraram mais representativas.

Eu acho que muito mais simples teria sido colocar a Atena em cenas de luta. Modernizar este aspecto seria muito bacana, e um plot twist, porque os outros deuses masculinos lutam (Netuno e Hades) mas a Atena, que justamente era uma deusa de tempos de guerra (a deusa da estratégia militar), só ficava chorando “me salve Seiya” (COMENTÁRIO 2).

Mudar o sexo do Shun é justamente o oposto de agenda progressista. Shun é um homem poderoso, com a alma de Hades dentro de si, que não gosta de lutar e sempre chorou pelo destino que seu irmão teve que aguentar por defender ele. Isso, pra mim, é o mesmo que dizer que um homem não pode ser sensível e forte ao mesmo tempo, “vamos mudar pra uma mulher” (COMENTÁRIO 3).

A série já nasceu fracassada graças à geração minimi, mais uma prova que representatividade forçada não vende, apenas tapa o sol com a peneira (COMENTÁRIO 4).

Cresci vendo Cavaleiros e sempre teve mulheres guerreiras e fortes no anime! Agora mudar o gênero de um protagonista.....Bom, não terá minha audiência nisso. Quem lacra, não lucra (COMENTÁRIO 5).

O comentário 1 realiza uma aproximação entre Shun e Kurama, personagem do *anime* Yu Yu Kakusho. Ambos são homens, cisgêneros¹⁷ e heterossexuais. Apesar disso, contudo, ambos se afastam de índices caros a uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003), uma vez que são sensíveis, afetuosos e com feições delicadas. O questionamento realizado, então, e que motiva a contestação da alteração de gênero de Shun, refere-se ao fato de que, na percepção do usuário, ser belo e ser cortês não é o mesmo que ser homossexual (dando a entender que, se fosse esse o caso, aí sim haveria um problema). O comentário 2, por sua vez, indica uma sugestão que, segundo o usuário, traria maior protagonismo e representatividade para uma mulher na narrativa. Na trama, a deusa Atena vive reencarnada em Saori, uma mulher jovem, delicada e que necessita, constantemente, ser salva pelos cavaleiros. A pergunta feita, então, seria porque, ao invés de se transformar Shun em mulher, não se poderia transformar Saori/Atena em uma mulher forte e também responsável por sua defesa. Já o comentário 3, que se aproxima

¹⁷ A designação “cisgênero”, cabe ressaltar, é voltada aos indivíduos que se percebem a partir do gênero com o qual foram designados ao nascer. A designação “transgênero”, por sua vez, refere-se aos indivíduos que não se identificam com o gênero que lhes foi designado – seja pela medicina ou por outras instâncias sociais.

fortemente dos sentidos mobilizados pelo texto do Omelete, foi aquele que, dentre a coleta, gerou maior engajamento (foram 834 reações e 48 respostas). Nesse comentário, o usuário assevera que a conversão Shun/Shawn diz de uma impossibilidade de se compreender/aceitar uma performance masculina que não seja máscula, viril e hiperbólica (KOLINSKI MACHADO, 2018). Os comentários 4 e 5, por outro lado, ao falarem em geração “mimimi” e em “lacrção”, dão a entender que a questão controversa não residiria apenas na mudança do gênero de Shun mas, para além dela, estaria relacionada, também, aos defensores daquilo que, em uma visada negativa, se toma como “politicamente correto”. Em ambos os comentários, ainda, aposta-se no fracasso do *remake*.

Terrorismo de Gênero, constelação igualmente representativa, mobilizou discursos machistas/homofóbicos que reiteraram a condição de precariedade daqueles sujeitos que não estariam enquadrados em normas de gênero dominantes. O nome da constelação inspira-se em Richard Miskolci (2015) que fala em terrorismo cultural contra diferenças de gênero, de sexualidade e de raça.

Deixem o Shun em paz! Elx já era uma menina antes, só saiu do armário (COMENTÁRIO 6).

Vão dizer lá vem a AIDS (COMENTÁRIO 7).

Poderia ser pior.... ele e o Yoga poderiam ter um caso (COMENTÁRIO 8).

Homem nasce homem, mulher nasce mulher. Presidente Jair Bolsonaro (COMENTÁRIO 9).

Esse papo de gênero só existe na cabeça desta galera esquerdopata. Uma vergonha quererem lacrar e fazer proselitismo (COMENTÁRIO 10).

Já tinha cara de menina mesmo, se for pra ter uma mulher no grupo pra agradar a torcida que seja ele... detalhe pra barriga de fora, porque mulher super herói tem que ser sexy (COMENTÁRIO 11).

O comentário 6 faz uma piada ao dizer “deixem Shun em paz”, uma vez que afirma que, tendo a vista sua performance de gênero, Shun já seria, desde sempre, uma menina. O comentário 7, em uma prática homofóbica recorrente, aproxima qualquer

vivência que (supostamente) se afaste da heterossexualidade da AIDS¹⁸. O comentário 8, por sua vez, diz que pior seria se Shun e Yoga (cavaleiro de bronze de Cisne) tivessem um caso. O comentário faz referência a uma cena emblemática do anime em que, para salvar a vida de Yoga, Shun deita-se ao seu lado, em uma posição que lembra um ato afetivo/sexual, protegendo-o com seu cosmos¹⁹ (ALMEIDA; MACHADO, 2018). O comentário 9, a partir de uma visão essencialista de sexo e de gênero, evoca Jair Bolsonaro (reconhecido por suas posições conservadoras) para dizer que homens nascem homens e que mulheres nascem mulheres. O comentário 10, então, em uma lógica semelhante, aponta como uma agenda da esquerda qualquer discussão sobre gênero e sexualidade. Associa o posicionamento político de esquerda com a psicopatia ao usar o termo “esquerdopata”. Entende-se que há na manifestação, também, uma crítica explícita ao Omelete que, na percepção do usuário, estaria apenas querendo “lacrar” com a reflexão mobilizada pelo texto. O comentário 11, ainda, evoca uma lógica machista ao afirmar que a presença feminina iria “alegrar a torcida” desde que Shaun fosse sexy (como toda a heroína, em sua percepção, deveria ser). Comum a todos esses comentários é a percepção de que em um cenário de cultura pop (caso do anime) não é admissível vivências de gênero e/ou sexualidade que não sejam heteronormativas (WARNER, 1991), bem como que o gênero, ao invés de performativo, como ensina Butler (2012), deveria ser tomado como uma condição natural, inscrita desde o nascimento nos corpos dos sujeitos e com normas que, por conseguinte, deveriam ser seguidas por todos. Muitos desses comentários, ainda, inserem-se em outras constelações (em especial *Protetores da Mudança de Gênero*).

Os comentários inseridos na constelação *Protetores da Mudança de Gênero*, de modo geral, defendem a alteração a partir de razões variadas, tais como considerar que há, de fato, benefícios na mudança – tais como apagar a masculinidade subordinada – e “inconveniente” – de Shun (CONNELL, 2003) – ou mesmo por compreender que ela não

¹⁸ AIDS é uma doença crônica causada pelo vírus HIV, que danifica o sistema imunológico e interfere na habilidade do organismo lutar contra outras infecções.

¹⁹ No enredo de Cavaleiros do Zodíaco, o cosmos faz referência à força vital que existe em todos os seres vivos. Em se tratando dos cavaleiros, é a queima do cosmos que promove a cosmo-energia, ou seja, a liberação de uma força sobre-humana (ALMEIDA; MACHADO, 2018).

fará diferença alguma. Tem-se, então, uma evidente desconsideração da pertinência/relevância de discussões sobre identidade/diferença e representatividade.

Só eu que acho que o Shun deveria ter sido mulher desde o começo? Eles corrigiram um erro (COMENTÁRIO 12).

Sem maldade, mas aquele Shun, sendo super covarde, na maioria do tempo como era, broxava muito as cenas! (COMENTÁRIO 13).

É simples, se você não gostou não veja, ninguém é obrigado. E também o Cavaleiros clássico tá lá ainda é só assistir porque essa é uma nova adaptação que não é continuação (COMENTÁRIO 14).

Não que eu concorde totalmente com o que foi feito, só prefiro esperar pra ver como isso será desenvolvido. Sou totalmente a favor de fazer mudanças e releituras de clássicos (COMENTÁRIO 15).

Os comentários 12 e 13 percebem a mudança como positiva alegando que um erro, agora, teria sido corrigido. No caso do comentário 12 defende-se que ele deveria ter sido mulher desde a versão anterior do anime (fazendo referência, aí, à sua performance pouco máscula). No caso do 13, de modo similar, afirma-se que a “covardia” de Shun seria perturbadora dando a entender que, talvez agora, em sendo uma mulher, tal questão ou não apareça ou, caso apareça, seja percebida com menos incômodo. O comentário 14 defende a mudança sob a lógica de que a narrativa não consiste em uma continuação (de modo que qualquer alteração seria razoável) e o 15, ainda que alegue não ser totalmente favorável à transformação, aponta como positiva uma releitura de um clássico. Nesses dois últimos comentários, em específico, observa-se um esvaziamento político da mudança e a percepção de que se trata de uma banalidade, de algo que não mereceria tamanha atenção (critica-se, igualmente, os sentidos mobilizados pelo próprio Omelete).

A constelação de sentido *Críticas ao Omelete* (especialmente transversal, cruzando diversas outras constelações) abarcou comentários que, de modo geral, trouxeram observações (predominantemente negativas) sobre a postura do veículo em discordar veementemente da transformação de Shun em Shaun. Omelete, então, foi

considerado um veículo alinhado politicamente à esquerda e, inclusive, acusado de ser promotor daquilo que é definido como “ideologia de gênero²⁰”.

Os sites chorões conseguiram. Influenciaram tanto a molecada, que criaram essa geração de “fãs” reclamando e exigindo representações. Nisso os criadores de conteúdo acham que essas reclamações precisam ser atendidas e acabam desagradando os verdadeiros fãs, enquanto os mimimizentos apenas ignoram, não consomem e partem pra reclamar de outra coisa (COMENTÁRIO 16).

Essa geração fraca do mimimi tem reclamado de tudo e com a ajuda de sites como o Omelete estão enfiando mudanças desnecessárias em tudo, eu jurava que iam mudar a etnia de um dos cavaleiros para afro. Como um amigo me disse representatividade forçada não vende (COMENTÁRIO 17).

Esses esquerdistas do Omelete não sabem a diferença entre “gênero” e sexo! O título está errado! Shun mudou de SEXO, é uma MULHER agora! Se tivesse mudado de gênero continuaria sendo um homem e seria um TRANS! Essa ideologia de gênero é tão medíocre que vocês mesmos não entendem (COMENTÁRIO 18).

Os três comentários então acionados como ilustração dessa constelação de sentido apontam, de modo veemente, que sites como Omelete são corresponsáveis pelo crescimento de uma geração definida como “mimimi”. O comentário 16 dá a entender que essa geração (que, conforme se pode apreender, seria mais jovem) seria continuamente insatisfeita, que reclamaria por reclamar. O comentário 17, em específico, partindo de lugar semelhante, diz do absurdo que seria, em sua percepção, introduzir (ou cobrar para que fosse introduzido) um cavaleiro negro na trama e, finalmente, o comentário 18 realiza uma equivocada distinção de sexo e de gênero, mostra-se desconhecedor daquilo que é uma identidade trans e, ainda, acusa o Omelete de ser promotor da já citada “ideologia de gênero”.

Em *Humorísticos*, última constelação localizada, diferentes sentidos são acionados tendo em vista um tom jocoso que, em alguns casos, reforçam uma lógica heteronormativa e, em outros, estabelecem um lugar de resistência ao machismo e à

²⁰ Ideologia de gênero é um termo que visa desqualificar os estudos de gênero e sexualidade por motivações político-religiosas e conservadoras. O uso da expressão faz referência a uma falaciosa tentativa que existiria por parte de ativistas e pesquisadores de, entre outras questões, influenciarem crianças e adolescentes a serem LGBTQs.

homofobia. Embora, portanto, muitos comentários dialoguem proximamente com *Contra a Mudança de Gênero e Terrorismo de Gênero*, a particularidade reside na performance então realizada pelos usuários (RECUERO, 2014).

Que tal mudar Monalisa pra Mano Losa nos quadros de Picasso, tsc, tsc (COMENTÁRIO 19).

Noooooossa os gaaaays, socooooorro, vão dominar o muuuuuundo (COMENTÁRIO 20).

Hmmm ... Você não gosta de ver homossexuais na tv, é? Santa masculinidade frágil, Batman (COMENTÁRIO 21).

No comentário 19, o usuário evoca a obra de Leonardo Da Vinci (equivocadamente atribuída por ele a Pablo Picasso) com o intuito de realizar uma crítica à discussão acerca da representatividade feminina. O comentário 20, na verdade, é uma resposta a um outro comentário, de tom homofóbico, que criticava o que ele entendia como um protagonismo de uma visão gay e, por fim, o comentário 21, igualmente uma resposta, fala em masculinidade frágil ao pontuar as razões pelas quais um telespectador ficaria perturbado com a presença de gays na programação.

Considerações Finais

Defende-se, no presente artigo, que Os Cavaleiros do Zodíaco, fenômeno de audiência no Brasil dos anos 1990 e fundamental para uma ampliação da circulação da cultura pop japonesa no país (PEREIRA, 2017), consiste, também, em um (dentre vários outros) dispositivo discursivo das masculinidades (KOLINSKI MACHADO, 2018). Ao passo que narra a saga dos cinco guerreiros de Atena pela justiça, o anime ensina, também, o que é ser homem e, então, libera correntes que tendem a amarrar personagens e a orientar públicos: a coragem de Seiya, a força de Shiryu, a determinação de Yoga e a bravura de Ikki operam como importantes marcadores que dizem ao público (em especial ao infanto-juvenil masculino) por onde se pode seguir. Os corpos, ainda que de jovens adolescentes (como são as personagens), são viris e musculosos. E Shun? Shun é frágil, delicado e sensível. Índices que dialogam, muito mais fortemente, com imagens culturalmente atribuídas ao feminino e, seguramente, pouco relacionadas a um guerreiro.

Netflix, ao transformar Shun em Shaun diz, sim, de lugares permitidos e interditados aos corpos e, ainda, daquilo que se compreende como “o” masculino, por excelência (CONNELL, 2003), em uma lógica heteronormativa (WARNER, 1991).

A análise aqui desenvolvida demarca uma nova configuração de consumo, na qual os públicos/fãs passam a vigiar os fluxos das produções e a movimentar sentidos que também configuram saberes/informações sobre a cultura pop. Perceber até que ponto a mídia tem se atentado a essa modalidade de descontentamento/crítica performada em redes digitais seguramente é uma questão que ainda merece mais atenção.

Em articulação à noção de masculinidade global (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), sugere-se, ainda, ser razoável pensar sobre as representações das masculinidades no pop, considerando, aí, não só a cristalização/ruptura performativa de gênero em tais produções, mas também levando em consideração as apropriações/reconfigurações/subversões que as/os fãs produzem em suas leituras acerca dessa questão.

A partir dessa análise, constata-se que o Omelete se apropria do anime para discutir questões de gênero (em especial masculinidades) e a importância de produções que abordem diversidade com o seu público. Percebeu-se, igualmente, que aquilo que emerge nas redes digitais são, fundamentalmente, disputas de sentidos (HENN, 2014) nas quais se contestam o que é permitido e o que é interditado no universo pop.

Se, em concordância com Veiga da Silva (2014), compreende-se o jornalismo como masculino e, ainda, se se percebe tais marcas em alguns segmentos do jornalismo de cultura pop, acredita-se, igualmente, que tais lógicas machistas, patriarcais e heteronormativas estão, também, muitas vezes manifestas via performances de usuários em sites de redes sociais. Ao mesmo tempo, contudo, constituem-se importantes espaços de resistência e de luta pela liberdade, tanto a partir de produções de portais específicos (caso do texto do Omelete, aqui mencionado) quanto a partir de determinadas constelações de sentido (HENN, 2014) que então se observam.

Nesse cenário, o jornalismo de cultura pop possui um papel fundamental, uma vez que pode contribuir para o fortalecimento do senso crítico dos fãs, operacionalizando a ficção como um lugar (também) de resistências.

Referências

- ALMEIDA, Gabriela Machado Ramos de; MACHADO, Anelise Fruett. Ambiguidades nas representações de gênero de personagens da série Cavaleiros do Zodíaco. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, n.8, v. 8, p. 99-121, 2018.
- BALLERINI, Frantiesco. **Jornalismo cultural no século 21**: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. São Paulo: Summus, 2015.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da sexualidade**: virilidade em crise – séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.
- BONIN, Jiani. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata V. de. (Org.). **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 213-231.
- BRAITHWAITE, Andrea. It's About Ethics in Games Journalism? Gamergaters and Geek Masculinity. **Social Media + Society**, [s.l.], v. 2, n. 4, p. 1-10, 7 out. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/2056305116672484>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Record, 2012.
- CONNELL, Robert W. **Masculinidades**. Tradução de Irene Ma. Artigas. Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- CREPALDI, Clara Lacerda. Os fragmentos de Andrômeda de Eurípidas. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 55, vol. Especial, p. 356-373, 2016.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FERNANDES, Luís Flávio; RIOS, Rosana. **Enciclonórdia**: Almanaque da cultura nerd. São Paulo: Panda Books, 2011.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de se educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.
- GONZATTI, Christian. **Bicha, a senhora é performática mesmo**: sentidos queer nas redes digitais do jornalismo pop. 2017. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.
- HENN, Ronaldo. **El ciberacontecimiento, producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

JENKINS, Henry. **Invasores do texto: fãs e cultura participativa**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. **Homens que se veem: masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal**. Ouro Preto, MG: UFOP, 2018.

MEDIA KIT OMELETE. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3dIEWy8>. Acesso em: 9 jan. 2019.

MEIO E MENSAGEM. 2018. Disponível em:
<http://portfoliodemidia.meioemensagem.com.br/portfolio/midia/OMELETE/26331/home>.
Acesso em: 9 jan. 2019.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

NETFLIX. Disponível em: https://media.netflix.com/pt_br/about-netflix. Acesso em: 9 jan. 2019.

PEREIRA, Ilíada Damasceno. Cultura pop Japonesa no Brasil. **Temática**, João Pessoa, v. 13, n. 8, p. 46-59, 20 ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2017v13n8.35730>. Acesso em: 11 jan. 2019.

PERET, Eduardo. **Percepções da Sexualidade: Anime e Mangá**. 2009. Disponível em:
http://www.elo.uerj.br/pdfs/ELO_Ed4_Artigo_animemanga.pdf. Acesso em: 09 jan. 2019.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, p. 59-76, 2005.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

TRAVANCAS, PAULA Rozenberg. Nem toda Mulher-Maravilha usa bracelete de ouro: um mapeamento dos blogs nerds feministas brasileiros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018. Universidade da Região de Joinville. **Anais...São Paulo: Intercom**, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Wxwd4S>. Acesso em: 8 mar. 2020.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: **Anuário Antropológico (95)**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-190.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.

VELASCO, Tiago. Pop: em busca de um conceito: em busca de um conceito. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 9, n. 17, p. 115-133, 12 dez. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/217549772376>. Acesso em: 13 jan. 2019.

WAGNER, Irmo. **Educação em animes: aprendendo sobre masculinidades com os cavaleiros do zodíaco**. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação. Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Educação, Canoas, RS, 2008.

WARNER, Michael (Ed.). **Fear of a Queer Planet: queer Politics and Social Theory**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1991.